

Proteção política - Legados, crises e vulnerabilidades pessoais¹

Ainda que se deva considerar uma profunda compreensão, por meio de uma necessária empatia, sobre o sofrimento e, sobretudo, a “extenuação espiritual”, não é possível justificar as ações dos ditos cristãos ao longo destes dois mil anos.

Uma pergunta, para iniciar este texto: A igreja precisa de um espaço político?

A proteção política é indissociável da existência física, dentro deste contexto é evidente que qualquer ser humano, independentemente de sua religião, irá buscar soluções políticas para sua autopreservação.

Do ponto de vista humano, é justo defender a existência física de qualquer pessoa. A própria aceitação de Mashiach Yeshua decorre, entre outras promessas, de suas palavras que afirmam a possibilidade de uma vida abundante.

As dificuldades de seus supostos ou prováveis seguidores é discernir o complexo pensamento de Mashiach a respeito do que seja vida e de suas prioridades.

Refazendo a pergunta...

A Fé, o viver religioso, necessita de um espaço político? Precisa de uma proteção política?

Neste ponto é possível aprender, mais uma vez, com um povo que conhece o que é perseguição física, religiosa e política? O povo judeu e a nação de Israel.

É evidente que qualquer grupo religioso irá lutar e desejar proteção para “exercício espiritual”, para a livre manifestação do pensamento e da Fé. Isto é justo e, Baruch HaShem, é legal em nosso País.

Israel não foi diferente. Israel lidou com várias situações, tais que podem ser divididas em dois grupos.

O primeiro é a sujeição ou dominação estrangeira, em sua terra, com a existência de seu Templo, ponto de aglutinação existencial do povo Hebreu. Em segundo, os ataques a fé quando no exílio, sem o referido Templo.

¹ Texto elaborado a partir de uma conversa com um amigo.

Em ambos os casos, na maior parte do tempo, acordos políticos foram construídos, alguns, de tão improváveis, apontam para uma “intervenção divina”, como quando no exílio, sob domínio romano.

Em Jerusalém e na Judéia, no período do segundo Templo, é conhecida a insatisfação das autoridades romanas quanto à resistência dos judeus às crenças e costumes romanos.

Tais acordos sempre foram difíceis para Israel, e parte dos conflitos com o messianismo de Yeshua e seus futuros adeptos, mesmo fora da Judéia, se deu sob a tensão política desta preservação².

Mas será que o judaísmo sobreviveu por encontrar soluções políticas? Atrevo-me dizer que não.

Que a existência física do Judeu e do judaísmo estão entrelaçadas, de tal forma que são indissociáveis, isto está fora de questão.

Mas a sobrevivência do judaísmo não dependeu de soluções políticas, dependeu sim da existência física do povo judeu, pelo qual é perfeitamente legítimo o recurso político. Como foi no passado e é hoje.

Qualquer que seja a crença, ou mesmo a negação de toda e qualquer crença, não depende da proteção política, pelo contrário, em muitos casos, é na falta de proteção e nas ameaças que esta se fortalece.

É minha convicção que o cristianismo cresceu e se difundiu na África, na Ásia e, sobretudo, na Europa, não por benesses governamentais, mas pela disposição sacrificial de seus crentes.

Desde modo, a igreja não precisava de proteção política, não precisava ser perseguidora, não carecia de cruzadas nem inumeráveis outras mazelas, que de tão extensa lista, exigiria um anexo.

Quando a crença é uma crença “positiva”, e assim digna de ser difundida, as pessoas são sensíveis o suficiente para aceitá-la, ou no mínimo respeitá-la.

² Sem nenhum juízo de valor.

Uma convicção religiosa ou mesmo anti-religiosa mostra-se digna de respeito quando demonstra princípios éticos. Pessoas normais (excluo os perversos) estão dispostas a ouvir aqueles que agem para “além de si”.

Todo conflito acaba por revelar questões éticas e são solucionados, e só podem ser solucionados, por disposição sacrificial. Esta é a situação humana em um mundo caído, onde o perverso habita conosco, quer queiram, gostem e aceitem ou não.

Modificando um pouco a pergunta: para que serve a proteção política para a igreja?

Como a igreja guarda semelhanças com a sinagoga, poderia se argumentar que a sinagoga foi uma solução política para a fé, mas não foi.

Aqui temos uma diferença entre o cristianismo e o judaísmo. Para o cristão a igreja é o local primordial onde este valida sua fé. Para o judeu, a sinagoga é o local onde ele expressa seu judaísmo. O judaísmo é construído no ambiente familiar conforme Dt 6, 9-12.

E é no ambiente familiar que somos provados em nossas crenças, pois os filhos são sensíveis à hipocrisia.

Eu posso manter uma crença cínica e violenta ou posso manter uma crença ética e humana, mas dificilmente eu posso manter uma crença hipócrita.

Os que sustentam uma crença são os remanescentes desta crença, pois apenas um número reduzido de pessoas demonstra o componente ético desta crença, segundo, o que parecer ser, uma vontade Superior ao homem, para que Seu propósito ulterior prevaleça, tanto para Judeus quanto para seguidores de Mashiach, e indo além, para qualquer um que demonstre, verdadeiramente, o elevado sentimento humano de respeito à vida e à dignidade.

Desfaz-se assim o dogma da aceitação irresponsável de “Jesus” como um salvador a despeito da ética. E há duas passagens de Yeshua que confirmam o exposto: Mt 21, 28-31, Mt 7, 12.

Repetindo, o uso político por Israel e dos judeus é legítimo, não só por vontade humana, mas real, em decorrência da Palavra, o qual, os que seguem Yeshua, devem estar gratos

e, sendo necessário e requerido, mostrar apoio e proteção. E não somente a estes, mas a qualquer que estiver sob ameaça injustificável³.

Mas quanto a nós, devemos ter em mente Rm 8, 36. Não carecemos de proteção política, devemos lançar fora qualquer possibilidade ou ajuste político. Devemos, ou deveríamos, pois somos fracos, seguir Mashiach em Sua disposição de se opor à proteção como demonstrou quando parentes e amigos sugeriram outra opção que não a morte. Sua reação, aparentemente indelicada e desrespeitosa, foi clara em seus intentos.

Evidente que somos exauridos em nossas lutas espirituais... É claro que almejamos proteção. Mas alguns pontos devem ser observados.

- O arrependimento: a igreja, em busca de proteção política (incluindo seu sentido ampliado e para lá de injustificável), matou pessoas, aniquilou esperanças, anulou os evangelhos, envergonhou e manchou o nome de Mashiach, erigiu monumentos à estupidez, à vaidade e a blasfêmia.

No nível pessoal, que fracassos frente às expectativas éticas podem acontecer, mas que a disposição ao arrependimento é a única possibilidade justa e que, em Mashiach, é possível.

- A modéstia: a igreja tem se justificado por meio de validações humanas, onde a aceitação de homens é mais importante que a prática dos fundamentos da fé e de Mashiach. Esta se afirma em demonstrações visíveis, como títulos, templos, mídias, memberships, prosperidade pessoal, pelo qual o projeto político é tão caro e vital.
- Perseverança: não é de nossa natureza angariar sofrimentos, ninguém em perfeito juízo prefere a autodestruição, mas o que Mashiach, em sua obra redentora mostrou, é que há um sentido muito mais amplo para o significado da vida (MT 16, 25 e outros). É impossível ser seguidor de Mashiach sem recuperar o sentido sacrificial em meio às angústias recorrentes.

Mashiach nos mostrou a condição humana e seu dilema ético. É neste ponto que a rejeição a Ele mostra toda a sua incompreensão do significado messiânico.

³ Algumas ameaças se dão para conter a violação de regras, são ameaças em reação a anterior.

Sua mensagem não agrada aquele que quer preservar a própria vida, mas pior que sua rejeição é aceitá-lo e, insidiosamente, constituir um sistema de crença de autopreservação, que, quando submetido à prova, opta pela destruição, mesmo que parcial, de outros.

Não precisamos de proteção política, precisamos é da dependência total de D'us. Sabendo que não temos certezas nesta vida nem moradia permanente.

Repetindo, o conflito ético só pode ser superado sacrificialmente. Yeshua foi à frente, mostrou o caminho, agora só nos resta andar por este e por Ele. Não é para qualquer um, e está difícil em um mundo em busca permanente por conforto.

Vale lembrar, aos que conhecem a Brit Chadashah, que será por este consolo que um governo mundial será possível, será por esta migalha que outro será aceito, uma promessa de paz, apenas isto, uma promessa. Tal comodidade será desejada por povos, línguas e nações, parecendo cumprir textos tão caros aos que observam a Palavra.

Por fim, para o que diz seguidor, fica a pergunta de Mashiach em Jo 6, 67.

“Quereis vós também retirar-vos?”

Duas Considerações Finais

Primeira consideração: missões e evangelismo. Algumas ordenanças merecem um pouco mais de atenção, o “ide” propõe uma ação exterior, mas será que temos plena consciência do que seja esta ação.

Esta ação não pode extrapolar a proteção política de nenhuma nação ou povo, por melhor que sejam as intenções. Em particular, Israel precisa ser preservada para o bem do próprio messianismo de Yeshua, Israel é nosso principal lastro frente ao incrédulo. Mesmo que todos os gentios se convertessem ao judaísmo, nós provavelmente destruiríamos o judaísmo. É desproporcional a relação entre gentios e judeus. Assim a preservação de Israel e do judaísmo (considerando qualquer corrente e até mesmo o judaísmo messiânico) deve ser livre do gentio, até que a plenitude dos tempos e a vontade do Eterno proporcione outra forma de sermos.

O evangelismo, em qualquer seara, pelo menos como existe desde muito e até hoje, não é saudável e não é honesto. Está contaminado por três volições não explicitadas ou não conscientes.

Primeiro: amplidão política. Como contido no exposto acima, uma das intenções evangelísticas é dominação política, é a ampliação do número de fiéis e assim angariar prestígio, poder e fatos contábeis.

Segundo: autovalidação. Uma vez que os desafios ordinários impõem uma luta feroz contra a descrença, somos tentados a nos cercar de pessoas com as mesmas convicções. Não que isto seja apenas negativo. A Palavra diz que um cordão de três não se rompe com facilidade, ou seja, precisamos de encorajamento e admoestação em momentos difíceis, diferente é a necessidade crônica, pois como um dependente químico, acabamos por ter certa tolerância com os antigos validadores e precisamos de novos. Isto não provém dos ensinamentos de Yeshua.

Terceiro: a forma virulenta. O pior estágio do evangelismo é o da destruição, seja física ou moral, daqueles que discordam de nossas crenças, como abordado anteriormente.

A ação externa exigida deve seguir o modelo de Yeshua, que não é necessariamente tranqüila, desde que seja sacrificial. A ação em Yeshua é a de fazer discípulos e anunciar o Reino de D'us, que incorpora os seguintes elementos: amizade e compaixão, conhecimento da palavra, autoridade ética e sacrifícios.

Esta ação se deu assim por Yeshua, pelos discípulos e seguiu por mais algumas “gerações de discípulos”.

Em tempo, por fazer discípulos, entender uma comunhão para o aprendizado do conhecimento e da vontade de D'us.

Por Reino de D'us entender que é uma ação voltada para a resistência do bem contra o mal e nunca, mas nunca, uma conquista do espaço político como meio para a preservação pessoal. Vale ressaltar que a resistência do bem costuma gerar resultados políticos com avanços sociais e humanos, e nem tudo foi perversidade neste nosso mundinho, se preferir, chame a isso “providência divina”. Este Reino de D'us é centrado na Palavra de D'us que Yeshua vivenciou e honrou (Torah e Profetas).

Segunda consideração: proteção física. É importante ressaltar que Mashiach e a Brit Chadashah, e aqui ressaltamos este ponto, propõe um modo de vida que não privilegia a autopreservação, coloca as questões éticas acima de nossa própria existência, aqui não iremos repetir o já exposto, apenas registrar um contraponto, a fim de não passar uma idéia de pacifismo inconseqüente.

Yeshua propõe aos seus discípulos, que vendessem suas túnicas e comprassem espadas.

Espada compartilha o significado de Palavra, poderíamos dizer que é atual a necessidade de vender algo útil para aquisição de uma Bíblia, mas o que Yeshua deve ter afirmado é a compra de uma arma mesmo.

Esta ação, aparentemente desconexa com outras afirmações, deve decorrer do versículo que diz: “não seja demasiadamente honesto, porque te destruirias?”. Ou seja, não se destrua por uma conquista inútil, ofereça “seus sacrifícios” por algo que produza mais vida, à semelhança da palavra do grão de mostarda, que morrendo, permite que outros frutos sejam produzidos e até mesmo que as aves do céu possam pousar em seus galhos (um significado místico?).

Esta recomendação de Yeshua para os discípulos demonstrou-se útil, uma vez que, anos depois, suas vidas forem entregues em melhor proveito que uma morte por salteadores nas estradas.

Assim, em meio a tantas lutas, devemos avaliar as circunstâncias a fim de resolver conflitos éticos. Mas tal avaliação só será boa se o instinto de autopreservação estiver na berlinda, se não, morreremos como hipócritas, cínicos, complacentes, omissos...